

**ENTRE ESTADO E CLÃS: A ESTRUTURA
SOCIO-POLÍTICA DA SOMÁLIA**

***BETWEEN STATES AND CLANS: THE
SOCIAL-POLITICAL STRUCTURE OF
SOMALIA***

Michelle Avanci

Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro
Universitário Curitiba (UNICURITIBA).

E-mail: mih.27@hotmail.com

AVANCI, M.

RESUMO

Desde os primeiros pastores nômades que se instalaram no Norte da Somália, estes povos tem se organizado socialmente através de clãs que compartilham um mesmo ancestral e que vivem ainda a partir das tradições e costumes das suas gerações. A estrutura organizacional somali é única e complicada. Eles vivem assim por anos e mesmo com a chegada do Islã no Chifre da África, estes povos não abandonaram sua cultura, apenas incorporaram o Islã como a religião oficial dos clãs. A religião não superou as tradições somalis e nem suas estruturas políticas, econômicas e sociais. Mesmo que a política seja um dos pilares do Islã, os clãs de pastores nômades não tem interesse que essa religião chegue ao poder e implante a *Sharia* no país. A estrutura organizacional do somali não permite que o Islã seja mais do que uma religião familiar e está é a análise proposta pelo presente artigo.

Palavras chaves: Islã, estruturas, clã, Somália.

ABSTRACT

From the earliest nomadic pastoralists who settled in the north of Somalia, these people have organized themselves socially through clans that share a common ancestor and that still live from the traditions and customs of their generations. The Somali organizational structure is unique and complicated. They lives like this for years and even with the arrival of Islam in the Horn of Africa, these people did not abandon their culture, just entered Islam as the official religion of the clans. The religion has not overcome the Somali traditions and even their political, economic and social structures. Even if the policy is one of the pillars of Islam, the clans of nomadic herders have no interest that Islam comes to power and deploy the Sharia in the country. The Somali organizational structure does not allow that Islam is more than a religion of the families and this is the analysis proposed by this article.

Keywords: Islam, structures, clan, Somalia.

1 INTRODUÇÃO

A África é um continente enorme e muito rico em cultura, mas apesar de sua grandeza, o estudo específico dele ainda é muito restrito. Pouco se sabe sobre a Somália, existem poucos autores e especialistas, mas a importância desse país para a sociedade internacional é muito grande. A Somália é um país localizado na ponta do lado leste africano, mais conhecido como o Chifre da África. Faz fronteira com o Djibuti, o Quênia e a Etiópia. Ao Norte do país, encontra-se o Golfo de Aden, o qual é motivo de briga por muitos líderes, grupos e países que querem dominar essa importante saída para o Oceano Índico (VISENTINI, RIBEIRO, PEREIRA, 2013).

Além de sua localização estratégica, a Somália é conhecida por ser um país sem governo. Os clãs que habitam a região estão em constante disputa para assumir o poder, e sem um Estado forte e consolidado a pirataria se tornou um problema na região. Muitos navios de diferentes nacionalidades que passam pelo Canal do Suez e vão em direção ao Oceano Índico, têm o risco de serem capturado por piratas somalis, sendo isso um problema para vários países, principalmente os vizinhos.

Estes clãs em constante disputa tornam a Somália um dos países mais perigosos do mundo, inclusive para a sua própria população que passa fome e vive em condições de extrema pobreza. Até 2012, já eram mais de 1 milhão de refugiados, os quais fogem principalmente para Somalilândia e Puntilândia (no norte do país) e

AVANCI, M.

para os países vizinhos. Os grupos terroristas que vivem na Somália também são responsáveis pelo aumento do número de refugiados. Ou seja, mesmo sendo estes problemas internos, eles afetam outros países. Por isso, é preciso entender como os clãs funcionam para ser possível pensar numa resolução que amenize os problemas causados nos outros Estados e possa ajudar os próprios somalis a criar certa estabilidade interna.

Esse artigo foi baseado na monografia “Uma análise sobre a estrutura organizacional somali e a sua interpretação do Islã” e tem como objetivo principal explicar como os clãs somalis se organizam, quais são suas estruturas jurídicas, sociais e políticas e como esse país de maioria muçulmana interpreta a religião e a adapta para a sua cultura milenar. O artigo começará contando um pouco sobre o contexto histórico do país, para entender como ele chegou na situação que ele se encontra hoje em dia e depois será analisado a questão dos clãs e da religião.

A Somália já sofreu grandes transformações, como a entrada do Islã que mudou drasticamente a cultura e a sociedade somali, a colonização francesa, italiana e inglesa, que impuseram o estilo de vida ocidental e o conceito westfaliano de Estado e por último o golpe de Estado, juntamente com revoltas, a separação da Somalilândia e da Puntlândia e guerras internas.

O primeiro grande povo a habitar a região conhecida hoje como Somália foi Punt (MOKHTAR, 2010). O segundo grande povo que ocupou a região do chifre africano foi o Império Axum, o qual teve

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

seu auge entre os séculos III e V (VISENTINI, RIBEIRO, PEREIRA, 2013). Nesta época, porém, o islamismo ainda não tinha surgido. Mas foi com o aparecimento deste que o Império Axum começou a declinar. Os axumitas cristãos se confinaram na região conhecida, hoje, como Etiópia e a região da Somália foi incorporada ao Islã, perdendo boa parte da cultura axumita (MACEDO, 2013).

A região formada, hoje, pela Somália era dividida em várias regiões com diferentes clãs, não havia uma entidade política única (BOAHEN, 2010). A chegada dos europeus, porém, desestruturou o povo somali. A colonização da África começou, oficialmente, com a Conferência de Berlim em 1885. Foi utilizado um “olhar racista e ideológico que busca[va] descaracterizar o continente para poder controlá-lo com facilidade” (VISENTINI, RIBEIRO, PEREIRA, 2013). A colonização da África foi vista como uma resposta defensiva a uma crise internacional, causada pelo declínio da Pax Britânica, pelo surgimento de novas potências industriais e pela Grande Depressão de 1873 (VISENTINI, RIBEIRO, PEREIRA, 2013).

Grã-Bretanha, França e Itália tinham interesse na região do Chifre Africano por sua localização geográfica favorável ao comércio. Os três países dividiram a Somália, sendo que os dois primeiros ficaram com a região norte e a Itália ficou, a partir de 1888, com Mogadíscio (atual capital), na parte Sul (BOAHEN, 2010).

O nacionalismo somali foi extremamente importante para a conquista da independência. Na Somália, “afirma-se um nacionalismo que transcende o fracionamento territorial político” (MAZRUI, WONDJI,

AVANCI, M.

2010). E além do nacionalismo, duas ideologias eram muito fortes no país, o socialismo e o Islã. A doutrina islâmica não aceitava que sua população fosse submetida politicamente a uma potência cristã (BOAHEN, 2010). O nacionalismo somali, porém, não conquistou a independência do seu país sozinho, ele teve apoio de outros países e entidades. A URSS, os Estados Unidos e a ONU, durante a Guerra Fria, apoiaram a independência de muitos países, incluindo a da Somália (MACEDO, 2013).

Quando a Somália se tornou independente, houve uma tentativa de impor instituições políticas e econômicas ocidentais, mas era necessário o apoio dos clãs e dos seus líderes. Os clãs principais, porém, não concordavam em se submeter a um governo único, pois cada um se considerava uma “nação” diferente da outra. Mesmo que compartilhassem a mesma língua, mesma história, mesma cultura e mesmo território (NJOKU, 2013). Como durante boa parte do século XX a Somália ficou sob o domínio de muitos países (Inglaterra, França e Itália), as diferenças entre os grupos do Sul e do Norte aumentaram ainda mais (PASSAURA, 2011).

Em 1969, o Major General Mohamed Siad Barre executou com sucesso um golpe de Estado e estabeleceu a Supre Corte Revolucionária (SCR), mas mesmo se tratando de um golpe “o novo regime foi anunciado com muitas promessas e altas expectativas da população”¹ (NJOKU, 2013). Barre assumiu o governo com boas

¹ No original, “the new regime was announced with lots of promises and high expectations from the people”

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

intenções, ele queria melhorar e desenvolver o país. Fez grandes mudanças nos primeiros cinco anos, mas acabou tornando seu governo uma ditadura que durou vinte e dois anos (NJOKU, 2013).

Um dos grandes erros de Barre foi tentar erradicar o clanismo. Ele dizia que a estrutura organizacional somali em clãs não condizia com os projetos de desenvolvimento do país (NJOKU, 2013). E também, ele começou a colocar no poder apenas membros do seu clã, chamado Darood. Privilegiou seu clã e perseguiu outros (PASSAURA, 2011). Começou, então, na metade da década de 70, a era do terror.

Barre começou a apoiar conflitos entre somalis e os países vizinhos. Estes somalis não queriam se submeter ao regime de outros países e como Barre tinha um plano de criar uma grande Somália, ele apoiou as tentativas dos somalis de conseguir a independência. Sua ambição era unir os somalis em uma única nação, mas este plano, claro, entraria em conflito com os países vizinhos (MOLLER, 2009). A grande Somália seria composta pela Somália, pelo Djibouti, pelo Leste da Etiópia e pelo Norte do Quênia (ver mapa 1, na próxima página) (MOLLER, 2009).

Barre foi forçado a entregar o poder aos somalis em 1991 e se exilou na Nigéria, onde morreu quatro anos mais tarde (NJOKU, 2013). Com a sua saída, começou uma guerra civil no país, porque vários grupos queriam assumir o poder (MOLLER, 2009). “Com a queda de Siad Barre, muitos da Somália separaram-se do governo

AVANCI, M.

central e foram organizar seus próprios governos independentes”² (NJOKU, 2013). Os mais bem sucedidos governo separatistas são Somalilândia e Puntilândia, estes novos países, porém, não tiveram reconhecimento internacional. A União Africana (UA) e a ONU não querem reconhecer com receio que muitas outras regiões da África comecem a proclamar independência também (NJOKU, 2013).

Mapa 1. A Grande Somália e sua divisão entre os atuais Estados do Chifra da África.



Fonte: MOLLER, 2009.

² “In the wake of Siad Barre’s fall, several of Somalia seceded from the central government and went organizing their own independent governments”

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

Após a apresentação do contexto histórico, a proposta principal do artigo será abordada: explicar-se-á como funciona a estrutura tradicional somali, quais são suas diferenças e semelhanças e como esse tipo de estrutura ainda é tão forte nos dias atuais, dificultando a implementação de um Estado governamental.

A estrutura tradicional somali é única e para entendê-la é preciso deixar de lado os preceitos de estrutura ocidental, pois o etnocentrismo não propiciará um bom entendimento do funcionamento dessa sociedade. As questões principais da Somália e da sua população serão divididas em alguns elementos centrais: a estrutura social do sistema de clãs, as leis costumeiras chamadas *xeer*, a estrutura de autoridade jurídica-política, as minorias que vivem no país, o Estado falido e a interpretação do Islã pelos somalis (GUNDEL, 2009).

2 ESTRUTURA SOCIAL DO SISTEMA DE CLÃS

A estrutura social do sistema de clãs se da primeiramente através de relações entre os pastores nômades e não por relações de sangue, pois os pastores precisavam se aliar para se protegerem de inimigos externos. Esta questão é abordada na obra de Abbink:

A verdadeira linha da genealogia tem sido, assim, determinada ao longo da história, mas alianças se

AVANCI, M.

formaram no processo de difícil vida sócio econômica em condições de pastores nômades e outras considerações político-econômicos.³

É errado pensar, contudo, que a Somália é composta por grupos que são homogêneos e que partilham da mesma cultura e língua. Existem diferentes grupos vivendo em território somali: pastores nômades, agricultores e uma minoria, na qual é possível encontrar descendentes da etnia Bantu, de Árabe, entre outras (GUNDEL, 2006).

Os somalis que compõe e estrutura de clãs podem ser divididos entre agricultores, que habitam a região Sul e se dividem em dois grandes clãs, e pastores nômades, os quais são predominantes no Centro e no Norte do país e se dividem em quatro grandes clãs. Como os povos do Sul estão em terras férteis, eles são agricultores e como os do Norte estão em terras áridas, eles são pastores nômades (CARBONIERI, 2010).

Apesar desta diferença, os seis clãs se dizem descendentes de um único ancestral, chamado *Hiil*. Este teve dois filhos: *Saab* e *Samaale*. Do primeiro vieram os clãs agricultores e de segundo vieram os pastores. Os descendentes de *Saab* não são considerados verdadeiros somalis, mas são igualmente respeitados por compartilharem o mesmo antecessor, *Hiil* (ABBINK, 2009). Eles não

³ The actual lines of the genealogy have thus been determined in course of history but alliances formed in the process of harsh socio-economic life in conditions of nomadic pastoralism and other politico-economic considerations.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

migram tanto quanto os pastores nômades e por isso seu local de nascimento, muitas vezes, representa melhor a identidade do indivíduo do que o clã (GUNDEL, 2009).

Os clãs no Norte se dizem também descendentes do profeta Maomé e muitas vezes utilizam deste argumento para impor uma supremacia em relação aos clãs do Sul. Não existe, porém, nenhuma comprovação histórica dessa linhagem (CARBONIERI, 2010). Outro argumento usado pelos clãs pastores para se imporem perante os outros clãs é sua origem em *Samale*:

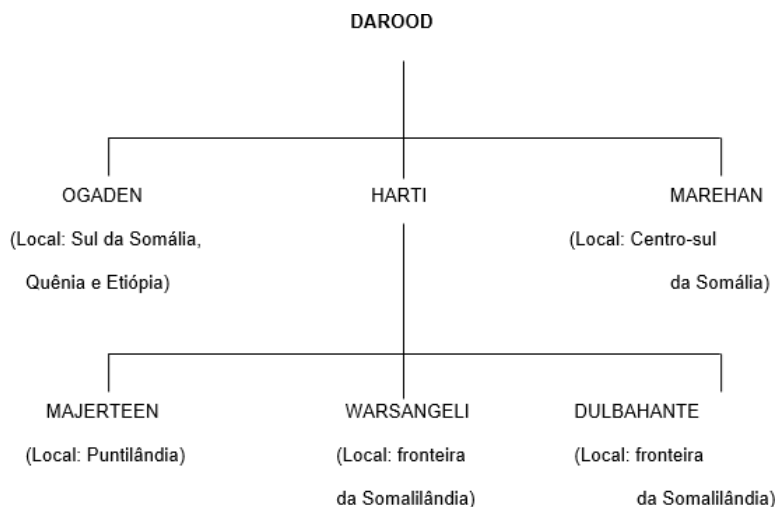
Somalis não concordam sobre a identidade de Samale e na referência genealógica. Samale é também, presumidamente, quem deu nome a Somália, indicando a dominância pastoral sobre todos os outros povos da Somália. Os somalis nômades, de fato, conseguiram obter todo o poder e fazer a suposição que os somalis são uma tribo etnicamente homogênea.⁴ (GUNDEL, 2009)

Os somalis de tribo homogênea a quem os nômades se referem são apenas os descendentes de Samale, os verdadeiros somalis. Já foi dito anteriormente que a população somali não é homogênea. Os pastores nômades são maioria na Somália e sua

⁴ “Somalis do not agree on the identity of Samaal and of the genealogical reference. Samaal is also presumbly what gives the name to Somalia, indicating the dominance pastoralists over all other peoples in Somalia. The Somali Nomads indeed managed to get in full power and to make the assumption that the Somalis are an ethnically homogeneous tribe”.

 AVANCI, M.

população está espalhada por boa parte do território, inclusive no Quênia e na Etiópia (ABBINK, 2009). Eles são divididos em quatro grandes clãs: *Dir*, *Isaaq*, *Darood* e *Hawiye*. Enquanto que os agricultores se dividem em: *Digil* e *Rahanwiin* (CARBONIERI, 2010). E cada um desses grandes clãs possui clãs menores. Os diagramas 1, 2, 3 e 4 mostram a divisão entre os clãs de pastoreio e em qual região da Somália eles habitam.

Diagrama 1⁵


⁵ (GUNDEL, 2009 e ABBINK, 2009).

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

Diagrama 2⁶

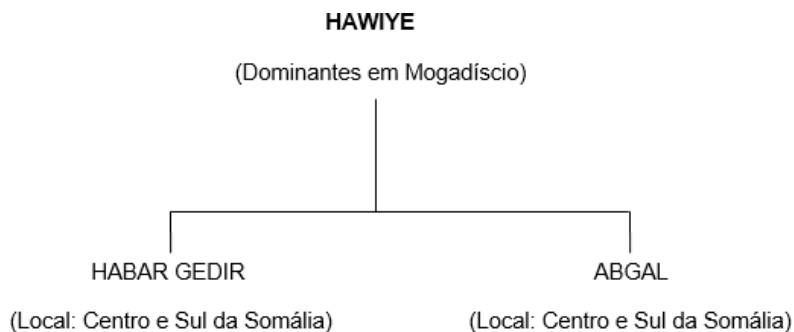
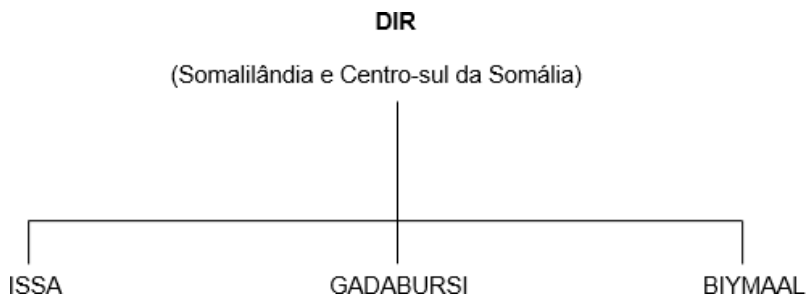
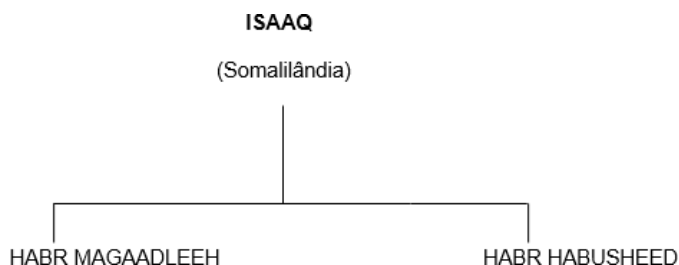


Diagrama 3⁷



⁶ (GUNDEL, 2009 e ABBINK, 2009).

⁷ (GUNDEL, 2009 e ABBINK, 2009).

Diagrama 4⁸

É possível ver que, no caso do *Darood*, o clã menor também foi ramificado em três outros grupos. Isso porque podem haver várias ramificações. Alguns autores discordam em quantas ramificações existem e como são denominadas. Será usada aqui, então, a divisão feita por Gundel. E como sua análise é feita sobre os pastores nômades, a partir daqui, será explicada a estrutura social destes povos.

A sociedade somali esta fundada num sistema de linhagem em que cada somali ocupa uma posição definida pela descendência paterna. Este sistema de linhagem funciona como uma básica unidade política dividida em diferentes categorias: clã familiar, clã, primeira linhagem e grupo *mag-paying* (GUNDEL, 2006). Lewis explica a diferença entre essas linhagens:

⁸ (GUNDEL, 2009 e ABBINK, 2009).

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

- Clã familiar: é o limite máximo de ligação entre os membros do clã. (*apud* GUNDEL, 2006). São os seis clãs mencionados anteriormente;
- Clã: é uma unidade política corporativa que tem exclusividade territorial para seu pasto, mas que não possui um governo ou administração centralizada. (*apud* GUNDEL, 2006);
- Primeira linhagem: “É o grupo de descendentes mais distintos dentro do clã (...) [é] definido como a linhagem na qual cada pessoa descreve ela mesma como um membro” (*apud* GUNDEL, 2006)⁹;
- Grupo *Mag-paying*: “É o nível mais importante de organização social para cada indivíduo” (*apud* GUNDEL, 2006)¹⁰. É um grupo corporativo, em que indivíduos (de preferência centenas ou milhares de indivíduos), com um ancestral comum (de 4 a 8 gerações), tenham capacidade para pagar o *mag*¹¹ (100 camelos¹²) (*apud* GUNDEL, 2006). O grupo *mag-paying*, junto com a *xeer*, formam uma

⁹ “It’s the most distinct descent group within the clan (...) [it’s] defined as the lineage to which a person describes himself as a member”.

¹⁰ “It’s the most important level of social organization for each individual”.

¹¹ *Mag* é uma palavra somali que significa compensação ou indenização. Então quando se diz pagamento do *mag*, significa que o grupo precisa pagar uma indenização para poder formar um grupo *mag-paying*.

¹² O pagamento, hoje em dia, não é mais feito em camelos e sim em dinheiro, sendo o valor equivalente a 100 camelos, segundo Lewis (*apud*, GUNDEL, 2006).

AVANCI, M.

unidade jural-política estável e uma unidade básica de proteção e segurança social. E é de responsabilidade dos membros mais velhos garantir que a *xeer* seja honrada (*apud* GUNDEL, 2006).

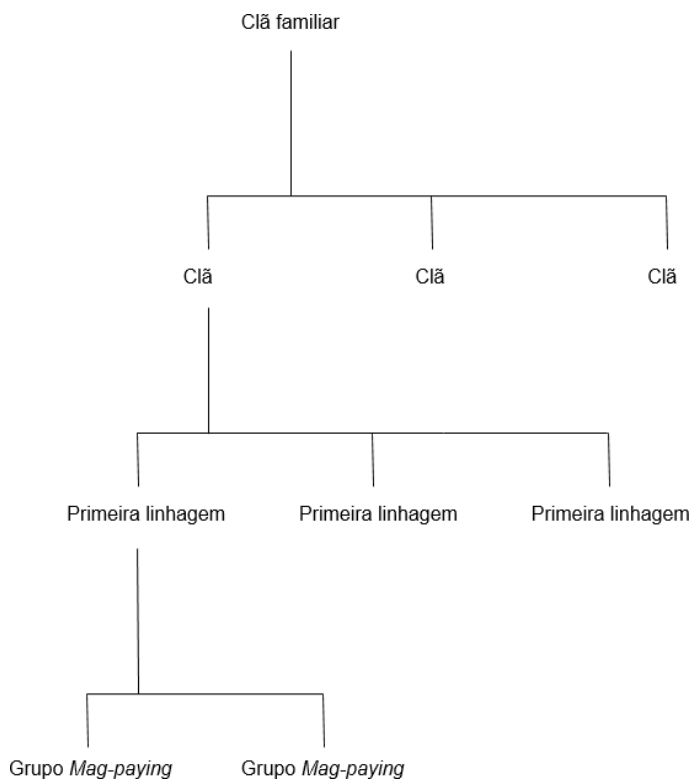
O diagrama na página a seguir irá explicar melhor como as ramificações funcionam.

O sistema de linhagem está em constante mudança, principalmente pelo fato de que a população cresce e em decorrência das brigas entre os membros de alguma das linhagens (GUNDEL, 2006). Mas para que a divisão seja efetiva, os dois grupos que querem se separar devem ter a capacidade de pagar 100 camelos cada. A linhagem que existia deixa de existir e dois novos grupos surgem. Ambos, porém, continuam usando o mesmo sistema de genealogia (GUNDEL, 2009).

As brigas que separam muitos grupos começam, muitas vezes, com a vingança, que geralmente é resultado de uma humilhação sofrida pela vítima e em quase todos os casos, a vingança se dá através da morte daquele que realizou o ato de humilhar o outro. Ela pode ser entre membros do mesmo clã ou até de diferentes clãs; pode demorar anos para ser cumprida, mas ela será. Quando o clã do criminoso não o entrega a vítima, esta pode se vingar matando outro membro do clã, geralmente aquele que irá prejudicar o criminoso. Mulheres, crianças e idosos não podem ser o alvo de vingança, eles são poupados (GUNDEL, 2009).

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

Diagrama 5¹³



¹³ (ABBINK, 2009)

AVANCI, M.

Outro motivo para a constante mudança do sistema são as alianças feitas entre os grupos. “*Ama bur ahaw ama bur ku tirso* (Ou seja uma montanha, ou se junte a uma¹⁴)”, significa que se um clã não é forte o suficiente para se proteger, ele deve se unir a um que seja. Essa aliança se chama *gaashaanbuur* (pilha de escudos). Claro que os fortes clãs esperam algo em troca, mas isso pode variar de caso em caso (GUNDEL, 2009).

3 XEER: AS LEIS COSTUMEIRAS SOMALIS

A *xeer* são leis costumeiras não escritas, transmitidas oralmente pelos anciãos dos clãs, segundo Gundel. Ela trata das obrigações, dos direitos e dos deveres dos membros do clã, “a maior parte da *xeer* é sobre defesa coletiva e coesão política e de segurança” (GUNDEL, 2006)¹⁵. Os anciãos dos grupos *mag-paying* tem a responsabilidade de fazer com que a *xeer* seja honrada. “Elas [*xeer*] são historicamente baseadas em precedentes, portanto são diferentes das leis estabelecidas” (GUNDEL, 2009)¹⁶. Ela é o primeiro recurso a que se recorre para resolver conflitos e para tratar de negócios. Ela resolve cerca de 80% a 90% dos casos criminais e disputas no Norte.

¹⁴ Eitheir be a mountain or attach yourself to one.

¹⁵ “most *xeer* are about collective defence and security and political cohesion”.

¹⁶ “They are historically based on precedents, hence, unlike fixed law”.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

No Sul, muitas vezes recorre-se a *Sharia*, mas a *xeer* ainda é muito utilizada (GUNDEL, 2009), pois a *Sharia* não foi completamente adotada pela *xeer*. Os xeques e líderes religiosos do Islã não tem grande influência na política somali, seu papel, geralmente, é de abençoar as decisões dos anciãos.

4 ESTRUTURA DE AUTORIDADE JURÍDICA POLÍTICA

Os anciãos são as autoridades jurídicas políticas. Eles são o poder legislador, o executivo e o judiciário de seus respectivos clãs. As decisões são tomadas por consenso e representam interesses próprios ou do clã (GUNDEL, 2009). A principal responsabilidade das autoridades é regular o acesso a recursos compartilhados como áreas de pastagem e água. Mas a partir da guerra civil de 1990, se tornou sua responsabilidade, também, estabelecer a paz e a ordem.

O encontro das autoridades para discutir algum assunto se chama *shir*, a qual acontece quando os anciãos decidem que devem se encontrar. A *shir* é considerada “a instituições de governo mais fundamental na sociedade pastoral somali” (GUNDEL, 2006)¹⁷.

¹⁷ “the most fundamental institution of governance in the Somali pastoral society”.

5 AS MINORIAS ÉTNICAS

Além dos clãs, existem outros povos vivendo dentro das fronteiras somalis, as minorias. Algumas já vivem lá há várias gerações:

Entre as minorias, pode-se encontrar os grupos sem casta, ou fiadores conhecidos coletivamente como Sab, assim como grupos de etnia de descendentes de Bantu e de grupos costeiros, incluindo aqueles descendentes de árabe tais como os Banjunis e Barawanis.¹⁸ (GUNDEL, 2009)

Grande parte deles vive na costa somali e, as vezes, eles podem até ser maioria, mas perdem para as fortes forças militares dos clãs nômades, os quais não aceitam ou respeitam a língua e a cultura dessas minorias (GUNDEL, 2009). Por elas não fazerem parte do sistema de estrutura de clãs e por não terem um governo centralizado e democrático, essas minorias não tem como conseguir proteção.

6 O ESTADO FALIDO DA SOMÁLIA

Autores como Luling, Besteman e Lewis concordam que “A sociedade somali não é homogênea nem num sentido étnico, linguístico, ou religioso, embora virtualmente todos os somalis adiram

¹⁸ “Among the minorities, one can find the ‘outcaste’ groups, or bondsmen known collectively as Sab, as well as groups of ethnic Bantu descent and the coastal group, including those of Arabic descent such as the Banjunis and Barawanis”.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

a variedades do Islã” (*apud* ABBINK, 2009)¹⁹. Mas mesmo diferentes, segundo Carbonieri, os somalis estão cindidos numa estrutura única de clãs que não permite uma estrutura de governo estatal centralizado. Este autor explica que isso decorre por três motivos: “o clanismo, as concepções equivocadas a respeito da natureza do Estado e a ajuda internacional” (CARBONIERI, 2010).

1. A concepção de clã na Somália vai além da relação de consanguinidade, está ligada também a união de pastores para se defenderem contra grupos inimigos. “É dessa aliança, com vista à defesa, proteção e sobrevivência da comunidade, que surge a ideia do clã” (CARBONIERI, 2010).
2. Para estes grupos, o importante é a defesa e a proteção do grupo e não a ideia de proporcionar o bem comum (que é a responsabilidade do Estado) (CARBONIERI, 2010).
3. A ajuda internacional, principalmente dos EUA e da URSS, na época da Guerra Fria, tornou a Somália um dois países mais bem armados do Terceiro Mundo e criou uma dependência de produtos importados, o que desestimulou a industrialização do país (CARBONIERI, 2010).

¹⁹ “Somali society is not homogeneous in either an ethnic, linguistic, or even religious sense, although virtually all somalis adhere varieties of Islam”.

AVANCI, M.

Gundel também comenta sobre o porquê é difícil implementar um governo estatal no país:

As tentativas de modernização do Estado independente da Somália para suprimir e erradicar a tradicional estrutura de autoridade falharam, porque as estruturas tradicionais sociais do sistema de clãs somali mantiveram-se vitais para a sobrevivência, proteção e identidade cultural dos somalis.²⁰

Existem autores que apresentam uma ideia para a implementação de um Estado centralizado na Somália. Eles defendem que a melhor solução seria criar um “Estado federal frouxamente organizado, construído gradualmente a partir de conselhos locais baseados nos clãs” (CARBONIERI, 2010), pois até agora, as tentativas de estabelecer um sistema político econômico moderno falharam.

7 A INTERPRETAÇÃO DO ISLÃ PELOS SOMALIS

O Islã se espalhou pela África de forma pacífica, principalmente através do comércio. Mas também através de missionários que foram enviados para o continente africano (e outras regiões próximas do Oriente Médio) assim que o Islã passou a ser adotado por grande parte da população árabe. Apesar do contato com

²⁰ “The attempts by the modernising independent Somali state to suppress and eradicate the traditional authority structures failed because the traditional social structures of the Somali clan system remained vital for the survival, protection and cultural identity of the Somalis”.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

a religião através dos missionários, foram seis séculos para que toda a população somali se convertesse ao islamismo. Houve uma grande resistência, principalmente pelos nômades, por causa de muitas das suas tradições seculares que confrontavam os ensinamentos islâmicos. (JHAZBHAY, 2009).

Hoje em dia, quase todos os somalis são muçulmanos sunitas, mas mesmo devotos, sua prática da fé é moderada (BRYDEN, 2003). Marchal aponta o motivo que torna o Islã somali diferente do Islã dos países vizinhos:

Além da longa intimidade somali com o Islã, as estruturas sociais e as organizações no país, incluindo o baixo nível de urbanização, a co-existência do sistema de produção pastoral numa grande parte do país e a agricultura numa área inter-ribeirinha, e os clãs, combinaram para moldar uma forma do Islã distinta dos outros²¹ (*apud* JHAZBHAY, 2009).

O Islã foi incorporado pelos somalis, mas do jeito deles, já que havia uma resistência quanto a algumas práticas e ensinamentos. Eles expressam sua religião de várias maneiras. Bryden afirma que eles não abandonaram seus costumes tradicionais, pois eles ainda praticam a veneração a alguns santos, fazem peregrinações locais e mascam o *qaad*, o qual é uma folha com propriedades estimulantes.

²¹ "Apart from the Somali's long intimacy with Isla, the social structures and organizations in the country, including the low level of urbanisation, the co-existence of pastoral production systems in a large part of the country and agriculture in the inter-riverine area, and clanship have combined to shape a form of Islam distinct from that in other countries".

AVANCI, M.

Além de ainda praticarem suas tradições, os somalis não seguem tudo o que o Islã prega e sua aplicação na lei e nos costumes:

Tradicionalmente, mulheres não têm se coberto; a lei costumeira dos clãs (*xeer*) e a lei civil superaram, no passado, a *Sharia*, a qual ficou limitada à lei familiar; numerosos costumes pré-islâmicos como a veneração a santos ancestrais continuam a prosperar; líderes políticos somalis tendem ser seculares na orientação de estilo de vida; e os somalis não são sempre escrupulosos em seguir as práticas islâmicas²² (MENKHAUS, 2002).

Quando o ditador Siad Barre foi deposto e o Estado entrou em colapso por causa da disputa entre os clãs, o sistema jurídico se desintegrou e assumiram seu papel a *xeer* e a *Sharia*. (DIAS, 2010). O Islã cresceu muito no país a partir de 1991 e sua influência “tem sido conhecida com vários graus de ressentimento e resistência dos líderes religiosos tradicionais, líderes das facções e políticos convencionais”²³ (BRYDEN, 2003).

A *xeer*, porém, como lei costumeira somali, se sobrepõe a *Sharia*. Os líderes religiosos são subordinados aos líderes dos clãs. Inclusive os tribunais da *Sharia*, na Somália, estão subordinados às deliberações da *xeer* (DIAS, 2010). Os líderes do Islã, contudo, querem

²² “Women have traditionally not always veiled; clan customary Law (*xeer*) and civil Law have in the past superseded Sharia Law, which was limited to family Law; numerous pre-Islamic customs, such as veneration of ancestors and saints, continue to thrive; Somali political leadership has tended to be quite secular in orientation and lifestyle; and Somalis are not always scrupulous in following Islamic practices”.

²³ “has been met with varying degrees of resentment and resistance from traditional religious leaders, faction leaders, and conventional politicians”.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

transformar a Somália num Estado islâmico, ou seja, querem estipular a *Sharia* como lei para a população (BRYDEN, 2003). Os povos do Sul, os agricultores, já utilizam mais a *Sharia* que a *xeer*, portanto são mais adeptos a formação de um Estado islâmico (DIAS, 2010). Mas os povos nômades são muito tradicionais e não aceitam a perda da força das suas leis costumeiras.

O Islã tem muita força entre os somalis nômades quando usado contra uma ameaça de um país não muçulmano, por exemplo, Inglaterra e Itália no período do colonialismo. Neste sentido, a religião faz parte da identidade étnica somali e pode ser utilizada para mobilizar massas. Está, também, muito presente nos somalis que não moram no seu país de origem. Os somalis que moram no Quênia e na Etiópia utilizam o Islã como força frente aos regimes e sociedades cristãs (MENKHAUS, 2002). Samatar descreveu o Islã para estes somalis “como um ‘Islã de fronteira’; um Islã cercado por todos os lados por pagãos e cristãos intrusos caracterizados pela belicosidade e xenofobia”²⁴ (*apud* JHAZBHAY, 2009).

Apesar desta identidade com o Islã que a população possui, a religião nunca “supriu completamente as crenças africanas pré-islâmicas” (CARBONIERI, 2010). Isso porque, segundo Menkhaus, por mais forte que o Islã seja na Somália, ele não superou a força de organização social dos clãs e porque, por uma questão de

²⁴ “as a ‘frontier Islam’; an Islam hemmed in on all sides by pagan and Christians interlopers characterised by bellicosity [and] xenophobia”.

AVANCI, M.

sobrevivência, o somali é mais pragmático que ideológico (*apud* PASSAURA, 2011).

Dias analisa em seu artigo que “a ascensão de movimentos islamitas (...) se encontram subordinadas a tendências nacionais”. Os somalis tem muito orgulho da sua cultura. Imposições islâmicas são muitas vezes vistas como anti-somalis, podendo gerar ressentimento. Historicamente, o Islã “nunca foi capaz de superar a mais poderosa força organizacional do clanismo”²⁵ (MENKHAUS, 2002).

Os clãs podem estar brigando entre si para alcançar o poder, mas quando surge um inimigo comum entre os somalis, eles se unem para combatê-lo (PASSAURA, 2011). Segundo Moller e Jhazbhay, os inimigos podem ser inclusive muçulmanos, o que importa para eles é o sangue, a família, o clã (*apud* PASSAURA, 2011). Desde o surgimento dos clãs, o somali se identifica com o clã ao qual pertence. Mas, além disso, a identidade somali se torna ainda mais forte a partir do momento que o país não se considera nem africano e nem árabe. Ahmed explica que a Somália está isolada, por isso, o nacionalismo é um instrumento muito utilizado pelos clãs para se protegerem de inimigos externos (PASSAURA, 2011).

²⁵ “has never been able to overcome the more powerful organizing force of clannism”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Somália está entre os 10 países mais pobres do mundo e a fome é um problema que atinge mais de cinquenta por cento da população. No final do século XX, o país não teve um governo centralizado, sendo considerado um Estado falido. Dizer, porém, que a Somália é um Estado falido, significa dizer que o governo não foi eficaz em cuidar da população e do território nacional. Mas o povo somali, durante séculos, viveu sem um governo central que representasse o povo e fosse responsável pela segurança da população. São os anciãos dos grupos mag-paying que sempre cuidaram das questões políticas e de criminalidade dentro e entre os clãs. Por que então seria necessário, agora, criar um Estado centralizado que substituísse essa estrutura que funciona há muito tempo? Como se pode dizer que a Somália é um Estado falido se ela nunca precisou de um Estado que cuidasse dos assuntos internos?

Talvez porque a forma de organização social, política e econômica não condiz com o que as potências mundiais estabeleceram para o mundo moderno. Quando analisado e explicado como funciona o sistema de clãs da Somália, foi possível compreender o quão diferente um grupo pode se organizar. Várias formas de se organizar estruturalmente podem existir e muitas vezes elas não serão compatíveis com sistemas políticos e econômicos impostos pelo ocidente ou qualquer que seja a sociedade.

AVANCI, M.

Quando o mundo ainda não era delimitado por fronteiras, os clãs não se encontravam em guerras, pois não havia um poder central para disputar. Mas quando a existência de um governo central foi imposta pelos colonizadores, os clãs entraram em conflitos, pois todos queriam ser detentores do poder. A estrutura social, econômica e política somali não demandava um poder central que governasse todo o território, os clãs tinham as suas regras e viviam em paz com elas. A imposição de um governo democrático pode ter sido um dos principais motivos geradores da pobreza do país, se não o principal. A interferência da Itália, Inglaterra, França durante a colonização e mais tarde da União Soviética e dos Estados Unidos durante a Guerra Fria não trouxe benefícios à Somália, pois não foram respeitados os modos de vida desta população, sua cultura, suas tradições e sua forma de se organizar.

Os clãs somalis são únicos. Apesar de terem boas relações com os países árabes, por exemplo, eles não se consideram parte desse grupo. Esta afirmação é compreensível, pois a interpretação que os somalis fazem do Islã é diferente. Quase toda a população da Somália é muçulmana e a Sharia é muito respeitada entre eles (mesmo que a xeer ainda seja o direito superior). Ainda sim, ela não superou as tradições antigas deste povo. Os somalis não se entregaram totalmente a religião, eles a adaptaram ao seu estilo de vida. Pertencer a um clã, a uma família, a um grupo que compartilha o mesmo sangue é mais importante para os somalis do que pertencer a uma religião, pois é isso que os torna somalis.

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

Foi dito inclusive que os clãs sempre se unem quando tem um inimigo em comum, não importando se este inimigo é muçulmano ou não. Mas como ainda não houve um conflito direto entre somalis e muçulmanos de outro país, não é possível fazer um estudo de caso sobre esta afirmação. A existência de minorias excluídas, porém, podem servir como exemplo. Uma vez que mesmo elas sendo muçulmanas, elas não são igualmente respeitadas. Os grupos que estão na Somália, mas não tem uma descendência somali, são excluídos da sociedade e muitas vezes reprimidos pela força militar dos clãs. Se a religião estivesse em primeiro lugar, provavelmente haveria um maior acolhimento destes indivíduos e eles poderiam ser englobados na sociedade, afinal eles se estabeleceram na costa somali há muito tempo. Mas eles não se desenvolveram dentro de um clã, não aprenderam as tradições e os costumes dos grupos e não tem uma ligação de parentesco com eles. Mesmo que eles compartilhem a mesma religião, as minorias continuam sendo excluídas e coagidas pelos “verdadeiros” somalis.

Essa forma de se organizar, compartilhada pelos somalis, a maneira que eles incorporam a religião, a sua cultura e o sentimento de pertencer a um clã é complicado de entender, pois nada disso condiz com o que os países ocidentais ensinam aos seus cidadãos. É uma forma diferente de viver e um tipo diferente de sentimento de pertencer a um grupo não compreendido por aqueles que não vivenciaram e não fizeram parte deste grupo. Entender outra cultura e saber respeitá-la não é uma tarefa fácil, pois as pessoas são criadas

AVANCI, M.

dentro de suas próprias culturas e aprendem o que é certo e o que é errado. Mas o que é errado para um grupo, pode ser certo para outro. E durante a pesquisa foi possível perceber que muitas nações não conseguem entender o diferente, não conseguem perceber que grupos que não compartilham a mesma cultura podem viver em harmonia. Mas o problema não é só esse, pois mesmo que as nações que “cuidam” do mundo aceitem uma cultura diferente, aqueles países que se encontram em posições estratégicas ou que possuam recursos minerais importantes, serão sempre alvos e sempre terão “apoio” para que a democracia e a paz sejam instauradas. Os interesses políticos e econômicos, que são mais fortes, serão sempre mais importantes do que um povo e sua cultura.

REFERÊNCIAS

ABBINK, J. **The total somali clan genealogy: a preliminary sketch.** **African Studies Center**, 2009, second edition. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/14007>> Acesso em 26 de abril de 2015.

BOAHEN, Albert Adu. **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935.** Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p.

BRYDEN, Matt. **No quick fixes: coming to terms with terrorism, Islam and stateless in Somalia.** 2003. p. 24-56. Disponível em: <journals.hil.unb.ca/index.php/JCS/article/view/215/443> Acesso em: 09 de maio de 2015.

CARBONIERI, Divanize. **A compensação da imobilidade nos cronotopos oníricos: uma leitura da trilogia *Blood in the Sun*, 230f.**

Entre Estados e Clãs: A estrutura sócio-política da Somália

Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04022011-091638/es.php>> Acesso em: 29 de abril de 2015.

DIAS, Alexandra Magnólia. **A trajetória de um movimento islamita na Somália (2006-2010)**. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-91992010000200008&script=sci_arttext> Acesso em: 06 de março de 2015.

GUNDEL, JOAKIM. **Clans in Somalia**. Austria. ACCORD, 2009. 30 p. Disponível em: <http://www.ecoi.net/file_upload/90_1261130976_accord-report-clans-in-somalia-revised-edition-20091215.pdf> Acesso em: 30 de abril de 2015.

GUNDEL, Joakim. **The predicament of the oday: the role of traditional structures in security, rights, Law and development in Somalia**. 2006. 62 p. Disponível em: <http://www.logcluster.org/sites/default/files/documents/Gundel_The%2520role%2520of%2520traditional%2520structures.pdf> Acesso em 02 de maio de 2015.

JHAZBHAY, Iqbal D. **Somaliland: Na african struggle for nationhood and international recognition**. Johannesburg, 2009. 243p.

LIMA, José Edmilson de Souza; CAVASSIN, Marcus Venício; FADUL, David. O ATO DE ENSINAR: ESTÁGIO DA DOCÊNCIA NO CAMPO JURÍDICO. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 4, n. 37, p. 402-412, nov. 2015. ISSN 2316-753X. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1056/743>>. Acesso em: 12 dez. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v4i37.1056>.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013. 190 p.

AVANCI, M.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. 1272 p.

MENKHAUS, Ken. **Political Islam in Somali. Midle East policy**, vol IX, no 1, 2002. Disponível em: <<https://www.somali-jna.org/downloads/Menkhaus%20-%20Political%20Islam%20in%20Somalia.pdf>> Acesso em: 28 de abril de 2015.

MOKHTAR, Gamal. **História Geral da África, II: África Antiga**. Brasília: UNESNO, 2010. 1008 p.

MOLLER, Bjorn. **The somali conflict: the role of external actors**. 2009. 34 p. Disponível em: <subweb.diis.dk/graphics/Publication/Reports2009/DIIS_report_2009_03_Somali_conflicts.pdf> Acesso em: 11 de maio de 2015

NKOJU, Raphael C. **The History of Somalia**. Greenwood, 2013. 240 p.

PASSAURA, Gisele. **O desenvolvimento do terrorismo transnacional na Somália: uma análise do fenômeno após a falência estatal em 1991**. 68 p. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Unicuritiba, Curitiba, 2011.

RODRIGUES, Arthur Canabrava; OLIVEIRA, Francisco Cardozo. O ABANDONO AFETIVO NO DIREITO DAS FAMÍLIAS À LUZ DA TEORIA DO RECONHECIMENTO. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 1, n. 38, p. 328 - 348, dez. 2015. ISSN 2316-753X. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1423/966>>. Acesso em: 18 dez. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v1i38.1423>.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcio Danilevicz. **História da África e dos Africanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 236 p.